



III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA UEG

A IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE E O SABER HISTÓRICO

Washington Maciel Silva¹
Universidade Estadual de Goiás
Santa Helena de Goiás, Goiás, Brasil
washingtonmacieldasilva@gmail.com

Resumo: apresentamos um estudo da identidade cultural e social, na pós-modernidade. Fundamentado por meio de fonte bibliográfica, nova história cultural e ciências sociais na pesquisa sobre a pós-modernidade e a identidade cultural e social nas suas perspectivas teóricas. A atuação do historiador capaz de perceber e interpretar as temporalidades e constructos históricos e entender as constituições das identificações permeadas de poderes e modelos teóricos, políticos e culturais. Fazer história na pós-modernidade é um desafio ao profissional pela proximidade temporal e a facticidade do objeto. Mas é oportuno com apoio da interdisciplinaridade, pelo saber histórico da sociedade multicultural e temporal, com suas fragmentações que alteram as concepções tradicionais de espaço e tempo. Tais realidades são pertencentes às interpretações do historiador quando reescrevem a história.

Palavras-Chaves: identidade, cultura e história.

Introdução

O objetivo é entender as significações das identidades culturais e sociais a partir da abordagem das ciências sociais, que trará as noções de cultura e representações como identificações. Muitas destas definições vieram dos moldes, objetivistas,

¹ Mestre em História pela PUC- Goiás, Professor da UEG, UNU; Santa Helena de Goiás, Professor da Secretaria Municipal de Educação - Rio Verde- GO, Professor da Secretaria Municipal de Ciência e Tecnologia - Rio Verde- GO

subjetivistas, relacional, situacional e primordialistas cada qual, sua explicação está nas abordagens (CUCHE, 1999).

A pesquisa demonstra à viabilidade discutir, a globalização, que altera os espaços e as temporalidades em nível global, consequentemente a mutação comportamental da sociedade, em âmbitos sociais, culturais e psicológicos (HALL, 2003). As identidades estão em espaços, com as resistências particulares e comunicação global, no meio do campo do jogo de poderes do capitalismo (GIDDENS, 2002). O historiador cabe trabalhar com a fragmentação e mutabilidade dos indivíduos ao se representar. A atuação do homem e suas temporalidades, atendendo sempre com cuidado e ceticamente para compreender o objeto, a facticidade oferece um objeto e também uma alerta (JENKINS, 2007). Pois uns dos desafios são os diversos modelos teóricos e a diversidade no movimento pós-moderno.

Material e Método

Este trabalho esta baseado em material bibliográfico primordial para o estudo, pesquisa, classificação e organização. Todo o material a ser analisado, como base para pesquisa historiográfica e nas ciências sociais, com estudo das identidades culturais e sociais, nas tradições teóricas. O material utilizado possibilita uma abordagem para discussão do contexto histórico e teórico da pós-modernidade e suas perspectivas para o historiador.

As abordagens teóricas mostra capacidade do historiado em incluir por intermédio dos moldes teóricos a formação e desenvolvimentos nas novas realidades globais multiculturais que situa o ofício. Os pressupostos teóricos propostos atestam a procedência dos estudos históricos nas construções das identidades em suas temporalidades e espaços.

As identidades nas ciências sociais

As ciências sociais analisa a identidade, e seu estudo em alguns momentos é acusada de modismos, mas é um campo aberto para estudo. Entre estes questionamentos

teóricos, a cultura tem uma inteira relação com identidade social e cultural, frutos dos movimentos intelectuais dos anos 50 a 70. A identidade é a defesa da diferença, acentuada pela globalização e mundialização, a quebra do modelo do Estado-nação, para uma sociedade multicultural (CUCHE, 1999).

Parte-se que neste processo de discussão sobre a identidade e cultura, está ligada diretamente com o sentimento de diferença, para formação do termo identidade cultural e social. Não colocando a cultura como uma representação suscetível as transformações da identidade e suas disputas simbólicas, mas o dinamismo das identidades como expressão cultural, tais alegações teóricas são divergentes. A psicologia social e ciências sociais não negam a contribuição interdisciplinar, para o estudo da identidade e a sociedade, sua percepção é permeada, por representações dinâmicas. Uma procura para entender a interação ao social, pelo social, pode-se localizar aos vínculos que fazem a ligação psicológica para a identificação social,

A questão da identidade cultural remete em um primeiro momento à questão mais abrangente da identidade social da qual ela é um dos componentes. Para a psicologia social, a identidade é um instrumento que permite pensar a articulação do psicológico e do social em um indivíduo. Ela exprime a resultante das diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social, próximo ou distante. A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social vinculação a uma classe de idade, a uma classe social a uma noção etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente (CUCHE, 1999, p.176-177).

Ao compreender a identidade social é primordial perceber discurso cultural com suas inclusões e exclusões as definições de seres sociais. Já identidade cultural é considerada por alguns teóricos como uma categorização de distinções culturais. Entre as defesas podem se encontrar os objetivistas e subjetivistas, que entendem cultura como as raízes incomuns, que os indivíduos possuem como base para identidade cultural. As teorias que abordam, como um processo da naturalização ou racialização, por fenotípicos psicológicos. Propostas que condiciona o indivíduo uma forma fixa e estável.

Entre estes, estão os objetivistas com seus objetos suas determinações biológicas étnicas culturais, diferenciando-se dos subjetivistas culturalistas, que se afastam da explicação biológicas dos fenotípicos comuns e ligam-se diretamente aos processos de socialização cultural. Há o viés do primeiro contato com o mundo como uma interiorização do mundo como proposto pelos primordialistas, que acreditam em uma ligação fundamental ao étnico e cultural. São como um vínculo determinante fornecido pela genealogia, suas formas essenciais de existência cultural a exemplo Clifford Geertz.

Os subjetivistas partem das representações da realidade social e suas divisões, com a arbitrariedade para uma identificação livre e particularizada, que é variável e objeto de ideologias, que podem levar imutabilidades de representações. O indivíduo possui uma relativa liberdade de escolha, e como se representar culturalmente, com suas propriedades culturais como, religião, crenças, línguas e territórios, sua particularização é sua identidade manifestada,

Para os objetivistas, um grupo sem língua própria, sem cultura própria, sem território próprio e mesmo, sem fenótipo próprio, não pode pretender constituir um grupo étnico-cultural. Não pode reivindicar uma identidade cultural autêntica, mas o ponto de vista subjetivista levado a extremo leva a redução da identidade a uma questão de escolha individual arbitrária, em que cada um seria livre para escolher suas identificações (CUCHE, 1999, p.180-181).

Destacando o repertório nos construtos do processo histórico, tais posições valorizam as mutações da identidade que podem ser relativamente estáveis e efêmeras, está é a arbitrariedade e particularização não uma essência da identidade cultural. Se colocarmos a posição teórica apenas nos objetivistas e subjetivista, seria afirma de forma pretensiosa, devem-se levar em consideração os relacionistas e o situacionistas.

A identidade é associada ao social de forma representativa, nestas perspectivas temos o relacional, a identidade permanece acoplada as relações sociais em grupos, como uma maneira de classificar e ordenar um grupo, mediante suas reciprocidades

como é utilizado pelo Cuche (1999). A teoria Frederik Barth, que diz, “A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato. Deve-se concepção de identidade como manifestação relacional a obra pioneira de Frederik Barth (CUCHE, 1999, p.182)”.

Pelo pressuposto de Barth, que foge da concepção objetivista e subjetivista, que fundamenta que os processos culturais são inventados particularmente. Mas existi uma distinção que sobressai da diferenciação cultural, pela interação e relação entre os grupos sua ordenação étnico-cultural. Para sobreviver à identidade, constrói e reconstrói pelas trocas, a identidade não existi, para si, mas em relação ao diferente, pela alteridade, quando a situação altera a identidade se modifica. A auto-identidade, hétero - identidade e a identidade negativa é um processo dinâmico, uma verdadeira luta entre os poderes. No qual o indivíduo pode receber uma identidade pela dominação e o mesmo se identificar em outra em meio a um sistema de dominação classificista, “A identidade é então o que está em jogo nas lutas sociais nem todos os grupos tem o mesmo poder de identificação, pois esses poderes depende das posições que se ocupa nos sistemas de relações que ligam os grupos, nem todos os grupos tem o poder de nomear e de se renomear (CUCHE,1999, p.185-186)”.

Os poderes possuem influências nas representações dos indivíduos culturalmente e socialmente, como eles se posicionam no tempo e espaços, em suas construções de identificação. Esta divisão encontrar-se apegada realidade social e suas disputas de poder, neste contexto surgiu, os classificados como subalternos ou marginalizados os minoritários em meio aos jogos de poderes. Que possuem sua auto - identificação diferente do que são propostos, o estudo pode esclarecer como os nascentes processos são germinados e desenvolvidos, mas não é função dos estudiosos julgá-los.

Identidade cultural nas teorias pós-modernas

Já nos estudos pós-coloniais tem um olhar histórico pelas situações, o qual é construída a identidade dos indivíduos dito por Bhabha (1998), com os relatos de Frantz

Fanou, Walter Benjamin. Com a abordagem do individuo e sua identidade pós-moderna e usar-se Hall (2003), ele utiliza uma concepção que a pós-modernidade e a modernidade tardia tem descentrado e fragmentos as identidades culturais manifestado em sua obra,

Este livro é escrito a partir de uma posição basicamente simpática a firmação de que as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas. Seu propósito é o de explorar esta afirmação, ver o que ela implica, qualifica-la e discutir quais podem ser suas prováveis consequências (Hall, 2003,p.7.8).

Os conjuntos identidades são desenvolvidas com suas ligações étnicas, culturais e sociais tem como um fator predominante a globalização. O qual Hall (2003) se refere como evento em nível global que acarreta novas realidades e novas fronteiras tecnológicas e sociais com uma nova ordenação no espaço. Com este ponto de partida ele levanta algumas possibilidades para justificação da homogeneização da cultura em dimensão global na pós-modernidade. Algumas resistências particulares a globalização faz decair das identidades nacionais, tornando possível locais híbridos com mudanças na percepção de espaço e tempo que são encurtados pela globalização alterando a reconstrução da representação como,

O que é importante para nosso argumento quanto ao impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. Todo meio de representação escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais (HALL, 2003, p. 70)

Existem diferentes ordens temporais e espaciais posicionando pelo equilíbrio fragmentado, que possuem interiorização diferentes que modela e remodela o indivíduo que representará sua concepção e percepção da realidade. Porque o lugar está estreitamente ligado a prática social do sujeito uma diferenciação dos lugares, os lugares

são fixos e os espaços que são construções temporais. Como efeito à fragmentação á multiplicidade das identidades culturais estilhaçam a cultura, por meio do consumo global fluido entre as nações por intermédio das mercadorias e pessoas como o,

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos lugares e imagens pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais a identidades se tornam desvinculadas desalojadas de tempos lugares, historias e tradições específicas e parecem flutuar livremente somos confrontados por uma gama de diferentes identidades(cada qual nos fazendo apelos ou melhor, fazendo apelos as diferentes partes de nós, dentre as quais parece possível fazer uma escolha foi a difusão do consumismo, seja como realidade seja como sonho, que contribuíram esse efeito de supermercado cultural (Hall, 2003, p.75)

A simpatia entre consumidores se comunicam como chama Hall (2003) um a língua franca internacional, uma homogeneização cultural. Toda esta discussão abre uma oportunidade de discutir as identidades e locais particulares e universais globalizados. A história pode compreender esta formação e processos de ação humana neste tempo e espaço híbridos, trabalhando com a facticidade do presente.

É como comenta Giddens (2002) a existência de uma dialética continua acirrar os entraves entre auto-identidade e a globalização nos espaços local e global. Tudo isso um processo de transformação social pela psique reflexiva. Há a influência dos locais e globais, um jogo de tempo e espaço da alta modernidade pelas suas relações, pelas conexões com o social impactadas,

As transformações na auto – identidade e a globalização como quero propor são os dois pólos da dialética do local e do global nas condições da alta modernidade. Em outras palavras , mudanças em aspectos íntimos da vida pessoal estão diretamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude não quero negar a existência de muitos tipos de conexões intermediárias – por exemplo entre localidades e organizações estatais mas o nível do distanciamento tempo - espaço introduzido pela

alta modernidade e tão amplo que pela primeira vez na história humana , eu e sociedade estão inter - relacionados num meio global(GIDDENS, 2002, p.36).

Recorre-se o dinamismo que trabalha Giddens (2002) estas alterações em novos ambientes globalizados, tudo coordenados psiquicamente e direcionado pelo social. O qual o sujeito é o agente com sua atividade social, a ansiedade do homem se torna o fruto desta alta modernidade. Neste contexto surgi psicologia reorientando o eu com suas metodologias, posicionado a identidade. O historiador compreender as construções do eu e sociedade para ao representar na sociedade, com o tema história pós-moderna um diálogo interdisciplinar.

Fazer história na pós-modernidade.

A pós-modernidade é um desafio para historiador ao fazer história e envolver o esboço das identidades sociais e culturais, porque estão conectadas ao tempo e espaço da existência do homem. A pós-modernidade sofre com a fluidez do tempo e espaço Jenkins (2007), dá uma visão da possibilidade em primeiro momento ele propõe uma análise em Jean François Lytord, que defende a morte do centro, por diversos centros. Alguns centros tradicionais ao longo da modernidade seriam deixados, mas não sendo desconsiderados na reflexão metodológicos. A pós-modernidade é reflexo do pós-liberalismo, ocidentalíssimo, industrialismo e marxismo estes centros já são deixados por novas lógicas. Construídas pelo capitalismo tardio a complexidade do movimento pós-modernista é diversificado, não uma união ideológica ou cultural mútua mas um expressão dos diferentes e híbridos,

O pós-modernismo é a expressão geral dessa situação ela não é um movimento unificado não é uma tendência que pertença essencialmente a esquerda ao centro ou direita(em algum ponto do espectro) nem é um resultado da melancolia intelectual parisiense pós 1968(JENKISN, 2007, p.99)

Em meio a estes passos históricos de movimentos existem gêneros históricos, que nos auxilia historicizar, no qual fazer história estaria partindo do conceito de redescricao irônica. Explorações dos gêneros como comenta Richard Rorty, tudo pode ser redescrito pelo historiador pela as multiplicidades de centros e metanarrativas. As diferentes vertentes metodológicas que alcançam o passado, a história e suas temporalidades um ofício do historiador. Que utiliza a percepção para abranger permanências, rupturas da sociedade consumista democrática, que é expressa pela atuação profissional da escrita em seus livros e obras. Fomentadas por diferentes tradições teóricas e repercussões, que são alicerçadas uma nas outras construindo o saber histórico,

Nisso podemos identificar, por exemplo, as histórias dos historiadores (história profissionais que tentam estabelecer hegemonia naquele campo de estudo, um versão expressão nas teses, monografias, artigos e livros). As histórias dos professores de escola (necessariamente popularizações das histórias dos historiadores profissionais) e depois toda gama de outras características que só podemos listar relatos históricos para crianças , relatos da memoria popular, relatos de negros brancos, mulheres, feministas, homens, relatos de herança cultural, relatos de reacionários, elites marginais etc. todos esses diversos constructos são influenciados por perspectivas locais regionais nacionais e internacionais, e não é tudo todos esses gêneros tem fronteiras irregulares e sobrepostas e todos se apoiam uns nos outros e se definem pelo que não são e a intertextualidade (JENKINS, 2007. p. 101 – 102).

O historiador analisa e interpretar sua possível verdade pela facticidade com posicionamento ideológicos da época, esta abertura deixa uma problematização para interpretações que podem ser objetos de poder por posições dominantes. Na pós-modernidade as realidades e os objetos estão em no tempo presente, o cotidiano que redescritos por interpretações variáveis, pelos seus constructos

(...) Ou ironicamente estas práticas dominantes capitalizam o fenômeno da ausência de passado pós- moderno, transformando (redescrevendo) o passado para fins delas próprias se o passado pode mesmo ser lido como trânsito infinito de interesses e estilos insubstanciais, então isso se aplica não apenas as leituras que são dominantes, como também aquelas que são as alternativas mais recentes (JENKINS, 2007, p.103)

Mesmo que estejam buscando explicações históricas de um passado próximo, nem todos iram encontrar um consenso teórico, pois existe a desigualdade metodológicas ao estudar os espaços e temporalidades. Então como seria fazer história em busca de metodologia reflexiva com análises do passado histórico para historicizar continuamente. Lembrete que a história é um ato de interpretação que deve ser feita ceticamente e reflexivamente mediante as posições teóricas, um olhar para o velho e os novos debates e interpretações balizadas criticamente no presente (JENKINS, 2007).

Os estudos das identidades culturais e sociais na pós-modernidade por influência das ciências sociais e antropologia, constroem um campo muito fértil para atuação do historiador para entender as temporalidades e nos processos históricos na formação das identidades na sociedade pós- moderna. Com a fragmentação da sociedade híbrida com as diferentes espaços e lugares o qual o indivíduo está conectado.

Considerações finais

Neste trabalho foi objetivo perceber as diferentes construções para concepções das identidades culturais e sociais, nos modelos lembrados nas discussões durante o discorrer destas investidas teóricas. Todas apresentaram a importância do processo histórico para compreensão da formação das identidades em suas definições uma ligação direta com cultura, sociedade, poder, etnia, genealogia, biológicos, base para defesa do saber do historiador. Reconhecendo os diferentes padrões por intermédio suas definições de metodologias, mas ao destacar o saber histórico em diálogo com a ciências sociais.

A pós-modernidade com a globalização fragmentada, que forma e interage com as identidades já concedidas pelos moldes teóricos, causa certo desconforto pelo imediatismo com o objeto analisado na facticidade da ordem temporal, percebido pelo

posicionamento do historiador com seu fato, para o saber histórico. O capitalismo cede uma oportunidade de entender as diversidades das temporalidades e identidades pelos diferentes espaços e resistências. A interpretação deve ser científica e próxima à crítica não aos modelos e poderes que instituem base homogênea, pois ao pós-modernismo não é um modelo, é um movimento multicultural, basta o historiador reescrever o saber históricos pela interpretação dos muitos espaços. O saber históricos não é fragmentado mas possuem a necessidade de ser híbrido e fluido para direcionar a compreensão dos objetos para redescricao.

Referências

- BHABHA, homi. *O Local de cultura*. Belo horizonte, UFMG. 1998.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, EDUSC, 1999.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de janeiro, Jorge zahar, 2002.
- HAAL, Stuart. *Identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de janeiro, DPEA, 2003.
- JENKINS, Keich. *A História repensada*. São Paulo, contexto, 2007.